



EDITORIAL

Poéticas Contemporâneas. Assim denominamos este número dos *Cadernos de Semiótica Aplicada*, que vem a público com a intenção de colocar em discussão questões relativas à poética e à poesia de um modo geral, relacionando-as, em sentido mais restrito, à contemporaneidade. Por isso o uso apropriado do plural ‘poéticas’ – ou seja, o plural da palavra abarca a pluralidade das contribuições que distintos pesquisadores, provenientes de centros do Brasil e do exterior, trouxeram em seus artigos, os quais versam, em sua maioria, sobre leituras de poetas, mas que contemplam também o diálogo da literatura com outras artes e as reflexões teóricas. Também parece adequado o plural ‘contemporâneas’ já que, acreditamos, não há um, mas vários *sets* contemporâneos que tomam lugar na cena literária (no cenário de nossa poesia, especialmente) como elementos partícipes de uma bricolagem de dicções.

A pluralidade das poéticas ecoa também a pluralidade dos discursos da crítica que podem ser, neste volume, apreciados. Dos catorze artigos que compõem este dossiê sobre o tema, sete ocupam-se de teorias semióticas, plurais no que concerne ao tom empreendido pelos autores a seus textos; outros sete artigos ancoram-se em perspectivas distintas, configurando, assim, um interessante contraponto. Procurando evitar, portanto, um único viés, esta edição primou pela diversidade de olhares analíticos e de pontos de vista de aproximação aos estudos poéticos da contemporaneidade, sobretudo leituras voltadas para a poesia brasileira. Colocada dessa forma, o propósito deste volume é reiterar que na contemporaneidade, talvez mais do que em outros momentos, o caleidoscópio de abordagens presta-se, justamente, ao serviço de iluminar as vantagens do diverso, sem que as singularidades percam o seu valor.

Admitindo, pois, a algaravia dos discursos da crítica como algo constitutivo dos estudos da linguagem e como algo fundamental para o enriquecimento do diálogo acerca dos estudos concernentes às poéticas contemporâneas, o presente número dos *CASA* tomou corpo, e pelos acordes dissonantes da variedade dos textos aqui reunidos pretende orquestrar sincronias e convergências, afinal, em meio a este aparente labirinto da crítica, que ingressa nas páginas desta revista por diferentes portas, por vozes acompanhadas de diferentes instrumentos, existe um norte e é para ele que a bússola aponta: poesia-norte, performática palavra de variados poetas que pulsa entre sons e sentidos múltiplos a eles atribuídos pelos autores dos artigos, unidos pelo intuito de pensar efetivamente sobre o estado das artes das poéticas contemporâneas, sobretudo no que concerne à poesia brasileira.

Diante disso, o leitor deste volume precisa aceitar-se um viajante: não apenas porque transitará pelas embarcações de diferentes poetas e/ou perspectivas teórico-críticas, mas porque, por força da intencional e tensiva multiplicidade de pontos de vista, desembarcará em portos cuja peculiaridade só será descoberta se este leitor aceitar o risco da diferença para, em seguida, nela reconhecer convergências. Feito esse contrato fiduciário para orientar a leitura, resta ao viajante-leitor o prazer da viagem-leitura que é sempre risco e novidade; que é sempre intervalar; que será sempre uma tentativa de apreender na leitura não só os significados a que o texto poético dá acesso, mas também alguma coisa para além dele,

algo com força de ultrapassagem do signo, algo que coloque em xeque a própria viagem – não se pode esquecer de que a experiência de leitura é também naufrágio.

Naufrágio e lance de dados: duas marcas da modernidade que com força pregnante perpassam os dias atuais e permanecem como ruído de fundo. No primeiro artigo deste volume, “Discurso constelar e contingência: a pregnância contemporânea de Mallarmé”, Diana Junkes Martha Toneto reflete justamente sobre o rastro e a rasura que o poeta francês deixou ao tematizar, em seu famoso poema-constelação, o fazer poético como experiência abissal, naufrágio/ lance de dados incapaz de abolir o acaso. A carga metalinguística que confere ao poema de Mallarmé lugar de destaque na constituição de poéticas que a dele se seguiram é objeto do artigo em questão, em que se procura apontar que tal metalinguagem talvez esteja inscrita em sua própria impossibilidade de dizer tudo, de controlar o dizer, uma vez que pode estar vinculada àquilo que Lacan denominou *lalangue* e que é, para Haroldo de Campos, a linguagem tensionada em função poética (jakobsoniana). A discussão desenvolve-se no sentido de apontar como a tensão entre função metalinguística e função poética, ao configurarem um oxímoro poético, espelham também a fragmentação do homem contemporâneo.

Elaine Cintra, no artigo intitulado “O acaso na lírica de Ricardo Domeneck: forças do alheio, figurações do não-alheio”, ao refletir sobre o acaso na poesia de Ricardo Domeneck, demonstra que este é ainda pedra de toque da poesia e da poética de vários poetas críticos na contemporaneidade, embora hodiernamente novas formas poéticas e novas configurações da subjetividade engendrem e reinventem sentidos para aquilo que Mallarmé legou. A autora aponta para o fato de que na poesia de Domeneck o fazer poético, mais do que resultado da ação, é fruto de probabilidades, contingências e estas vinculam-se grandemente ao desejo do sujeito e a uma liberdade de formas que, ainda que herdeira da modernidade, encontra seu lugar em uma poesia que difere, mas dialoga com esta tradição, fazendo-se de cortes e vãos, numa busca de representação daquilo que a própria autora denomina “o humano em seu tempo”.

José Américo Bezerra Saraiva em “Sujeito do discurso, crise de identidade e poéticas contemporâneas” também desenvolve uma reflexão sobre o sujeito; em seu texto, todavia, é o sujeito do discurso e a identidade que são abordados a partir das contribuições da semiótica de linha francesa. Para aprofundar a discussão apresentada e para situá-la, concretamente, em aspectos da constituição da poesia contemporânea, o autor estabelece um diálogo entre poemas de Fernando Pessoa e letras de canções de Arnaldo Antunes, indicando que, em termos de criação poética na modernidade e na pós-modernidade, a consciência do poeta sobre a linguagem e, mais do que isso, sobre a função performática da linguagem é alicerce para a constituição do mundo e do sujeito enunciante.

Outra forma de conceber a instauração da identidade, a consciência da linguagem e a visão/elaboração do mundo é apontada por Keneth David Jackson no artigo “Poesia de exportação: a viagem geográfica e etnográfica na poesia brasileira”, a partir de perspectivas de abordagem do texto poético centradas na análise de poesia de viagem, geográfica/etnográfica, com o intuito de apontar os mecanismos pelos quais poetas brasileiros buscam sua origem e constroem a sua identidade ao tematizarem viagens em seus poemas. Nesse sentido, Jackson insere a poesia geográfica/etnográfica feita por poetas brasileiros na tradição ocidental dos relatos de viagem e, ao mesmo tempo, sublinha as suas especificidades no que concerne à construção de identidades. Abarcando um amplo espectro de poetas, em termos temporais, o autor avalia os poemas-minuto de Oswald de Andrade, a presença de Murilo Mendes no mediterrâneo e os poemas cabralinos marcados por sua experiência de diplomata, ou seja, por sua residência fora do Brasil, passando, ainda, por Ana Cristina Cesar

e Haroldo de Campos para, finalmente, aportar em terras bem contemporâneas por meio da poesia de Angélica Freitas.

No caso brasileiro a discussão da identidade passa, necessariamente, pela questão da influência, na medida em que a administração ativa da herança da tradição está sempre vinculada a um movimento antropofágico de devoração crítica que visa o diálogo com o outro e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de um ‘modo de ser’ nacional. A criação de precursores, portanto, é um dos temas preferidos de investigação do discurso da crítica da poesia e aqui surge no texto de Fabiane Borsato, intitulado, “Sentinelas poéticas: os elefantes de Drummond, Alvim e Chacal”. Ancorando a discussão na intertextualidade, a autora discute, com o aparato da semiótica de linha francesa, a dimensão passional e a existência modal dos sujeitos patêmicos, enunciadores dos textos “O elefante” de Carlos Drummond de Andrade; “Elefante” de Francisco Alvim e “Sentinela” de Chacal.

A relação com a tradição também se faz presente no texto de Paulo Andrade, “Silêncio e diálogo na poesia brasileira”, em que o autor, tomando como ponto de partida a existência do diálogo com a tradição, investiga relações entre duas das tendências da poesia brasileira contemporânea: o minimalismo que beira ao silêncio do discurso presente na poesia de Kléber Mantovani e Tarso de Melo, e o diálogo com a tradição presente na poesia de Armando Freitas Filho, Fabiano Calixto e Iacyr Anderson Freitas. Ao trazer para cena nome de poetas cuja produção se faz intensamente nos dias atuais, o artigo de Andrade, assim como o de Elaine Cintra, aponta para a necessária construção de estudos críticos sobre “poetas de hoje”, sem que, naturalmente, se perca de vista as marcas que a tradição deixa em suas poéticas. E falar em tradição e ruptura, no caso brasileiro, significa trazer também à cena a contribuição dos poetas concretos.

Neste número, dois textos sobre Augusto de Campos revelam a importância do concretismo e dos desdobramentos do fazer poético concretista na poesia brasileira contemporânea. Um deles é de Thiago Moreira Correa, que no artigo intitulado “Dialética concretista no poema ‘Coração cabeça’” analisa o poema de Augusto de Campos, revelando relações missivas e ressaltando a existência, pela temática desenvolvida no poema, de uma dialética mítica, como também uma dialética metalinguística, que incide sobre os valores da vanguarda concretista dos anos 50 e ecoa o Mallarmé que surge nos dois primeiros artigos deste volume, tanto no que diz respeito à discussão metalinguística quanto no que se refere à discussão sobre a construção da subjetividade na poesia. Nesse trabalho o autor aponta ainda para a proximidade entre os planos de expressão e conteúdo, cujo amálgama é caro aos poetas concretos, pautados sempre pela preocupação com a palpabilidade do signo poético. Tal materialidade permanece entre os poetas que se declaram herdeiros do concretismo e de um fazer poético em que a ‘fome de forma’ é pedra angular. É o caso, por exemplo, de Frederico Barbosa.

No artigo “O labirinto dificultoso da poesia de Frederico Barbosa”, Susanna Busato explora o rigor criativo do poeta, ancorado na dicção de seus precursores e, ao mesmo tempo, indica a invenção da linguagem que se manifesta na corporalidade de uma escritura labiríntica que surpreende o leitor com palavras e sentidos, estabelecendo ponto de vista crítico da poesia e dos anseios do homem, que são discutidos, pela autora a partir do momento em que se sublinham os conceitos de negatividade e vazio que emergem como voz do sujeito lírico. Mais uma vez ressoa, aqui, o tom mallarmeano tão pregnante na contemporaneidade. Pregnança não apenas no que concerne à discussão da forma, mas também no que se refere à construção do poema como partitura musical – para o Mallarmé de “Um lance de dados” o poema é partitura e, portanto, as relações entre poesia e música são essenciais.

Em outro artigo, em que se tematizam aspectos da obra de Augusto de Campos, “Música e poesia sob o olhar sincrônico de Augusto de Campos”, tal relação, em seu sentido mais direto, talvez, imediato, é explicitada por Expedito Ferraz Junior, que analisa, a partir da leitura do poema “Coisa”, as possibilidades de diálogo com a tradição, não apenas literária, mas aquela que vem das canções, na obra do poeta concreto. Valorizando não apenas o caráter partitural dos poemas de Augusto, mas também a leitura musical que o poeta faz de canções, o autor procura levantar caminhos para re-construir o mosaico de referências que surge, sincronicamente, na escrita de Campos. E nesse sentido, mas uma vez, aquilo que já foi destacado nos artigos anteriores em relação à tradição volta, espiralmente, às páginas deste volume, desta vez com destaque ao modo de leitura sincrônico que é marca dos poetas concretos; modo este que equivale à leitura ativa e seletiva do cânone, procurando trazer para o presente, aquilo que do passado deve permanecer como força revigorante, numa apropriação tanto do *make it new* poundiano, quanto dos aspectos da leitura sincrônica propostos por Roman Jakobson. Interessante notar aqui que esta leitura relaciona-se também ao diálogo entre a poesia e outras artes, de modo que, no tabuleiro da sincronia, diferentes visadas estéticas são incorporadas.

Uma reflexão teórica a esse respeito é realizada por Claude Zilberberg em “*La question du modele*” em que o autor, com o intuito de aprofundar as contribuições da semiótica francesa, propõe instrumentos para a discussão de aspectos como o imprevisível e o inesperado na poesia, incorporando à sua discussão relações entre música, sobretudo melodia, e poesia, em especial no que se refere ao tratamento da imagem. As discussões de Zilberberg trazem contribuição importante aos estudos semióticos na medida em que também elas partem de uma leitura da “tradição” dos estudos semióticos de linha francesa, voltados para o texto poético e os colocam adiante, renovando e instaurando novas formas de olhar, pautadas, sobretudo nas categorias tensivas. O debate que se pode instituir a partir do texto em questão é amplo e permite abarcar também as relações entre poesia e outras formas artísticas.

Seguindo linha de raciocínio diversa, mas baseada na mesma preocupação concernente às convergências entre manifestações artísticas distintas, Maria Adélia Menegazzo, em “Quando a arte se torna poesia”, discute e explicita a beleza e a singularidade dos diálogos interartes, a partir da leitura de poemas brasileiros contemporâneos que mantêm uma relação com as artes visuais, bem como de obras de artistas brasileiros contemporâneos que se apropriam de poemas como elemento necessário para sua configuração. Tais flexões podem ser compreendidas como orientadoras do fazer poético, na medida em que se verifica o movimento pelo qual uma obra de arte engendra outra obra de arte. Naturalmente, esse diálogo também se instaura quando há a apropriação de formas poéticas da tradição, seja ela ocidental ou não, pelo poeta. Ou seja, como palimpsesto que é, o relacionamento de um escritor, que é sempre um enxadrista a elaborar jogadas sofisticadas com o tabuleiro da tradição, atinge vários aspectos – um deles, e que também é característico da contemporaneidade é a absorção de formas poéticas de outras culturas convertendo-as para a nossa. Este é o caso de Wilson Bueno.

Em “A epifania nos *tankas* de Wilson Bueno”, Cícera Rosa Segredo Yamamoto, Rauer Ribeiro Rodrigues e Kelcilene Gracia-Rodrigues estudam o movimento epifânico que marca composições de Wilson Bueno, herdeiras de uma tradição oriental, especificamente, japonesa, que guarda certo caráter épico na medida em que tem sua origem no *waka*, forma poética que “cantava” trechos históricos e legendários da vida do povo nipônico. O artigo mostra de que modo essa tradição surge transfigurada, devorada antropofagicamente, se quisermos, na produção literária de Wilson Bueno, na medida em que o escritor incorpora em seus *tankas* estratégias literárias de autores ocidentais do século XX,

em especial a epifania com dicção joyceana. A diversidade deste diálogo, entretanto, encontra um limite na divulgação e circulação das obras e no próprio questionamento do livro como suporte, uma vez que hoje são vários os modos pelos quais um leitor pode se aproximar das obras e, mais do que isso, hoje são imprescindíveis novos modos para que o leitor se aproxime da poesia.

Em “Algumas considerações sobre a poesia de Eucanaã Ferraz”, Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan discute práticas não convencionais de divulgação e circulação da produção de poemas, que ao apropriarem-se da internet e ao tirarem proveito das performances poéticas buscam compensar a baixa publicação em livro. Dessa forma o que se apresenta é uma dialetologia poética que se volta para a identificação de um grupo de leitores de poesia. Esse diálogo que transcende formas e manifestações artísticas encontra suporte nas reflexões sobre a cultura e sobre a sociedade que hoje se configura em contextos de fluidas fronteiras, marcadas pela globalização. Dessa forma o par identidade/alteridade necessariamente se configura de modo específico exigindo também mecanismos que ultrapassem as dicotomias e os binarismos e incorporem tensões e modos de lidar com tecnologias.

O artigo de Lucia Santaella e de Winfried Nöth, “A poesia e as outras artes” congrega a discussão que se estabeleceu nos artigos anteriores sobre as interfaces das diversas artes e soma a questão apontada por Baldan acerca das novas tecnologias, incorporando, em amplo espectro a discussão acerca de como as relações interartes vêm se transformando ao longo do tempo e, extensivamente, explicam algumas das razões pelas quais as artes tendem a se tornar cada vez mais híbridas a partir do advento do computador como metamídia. Embasados por uma perspectiva de abordagem semiótica, o artigo cartografa algumas das relações entre a poesia e as outras artes, enfatizando as afinidades entre a poesia e a música nas suas múltiplas faces, bem como discutindo as relações entre a poesia e as artes visuais. Dessa forma, o texto de Lucia Santaella e de Winfried Nöth traz à tona tanto uma discussão da linguagem poética e da metalinguagem, que percorre vários dos artigos anteriores, como repropõe, em termos teórico-críticos, o lugar do diálogo entre a poesia e outras manifestações artísticas, também objeto de outros textos deste volume, para terminar nas novas reflexões que a contemporaneidade das mídias está exigindo de nós.

O roteiro de viagem está proposto, cabe ao leitor optar por seu caminho de leitura, apesar do percurso que este editorial procurou apontar. É nossa expectativa que, seja qual for a escolha sempre tensa entre preferências e deveres, entre o sensível que nos move e o inteligível que assegura a manutenção do movimento, o périplo pelos textos aqui apresentados renove e pluralize as reflexões sobre poética, sobre poéticas e sobre suas marcas contemporâneas, que nada mais são do que cicatrizes do/no homem que beira o límen do milênio: terminada a primeira década do século, temos claro o lugar da poesia como forma de conagração e diálogo, como forma de questionamento de verdades, desestabilização de fronteiras e convergências culturais, seja pela construção de identidades e subjetividades, seja pelo retomar da tradição e revisão da teoria, seja pelo diálogo interartes, seja pelos novos suportes, seja pela reunião de todos esses aspectos através da contemporaneidade das mídias. Por isso a poesia é norte; por isso, esperamos que esta reunião de textos sirva de bússola, ao menos quando da duração da leitura.

Renata Coelho Marchezan
Diana Junkes Martha Toneto
EDITORAS RESPONSÁVEIS PELO NÚMERO TEMÁTICO

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>